

# A cognição como ciência



[http://fc01.deviantart.com/fs9/i/2006/034/0/9/wallpaper\\_by\\_Zodiak\\_Lucien.jpg](http://fc01.deviantart.com/fs9/i/2006/034/0/9/wallpaper_by_Zodiak_Lucien.jpg)

## *Cristine Borowski*

*Artista Plástica, graduada pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila. É Professora de Desenho, Fotografia e Plástica, na mesma instituição.*

Uma das principais questões surgidas dentro da filosofia contemporânea tem sido saber se a cognição se dá realmente na consciência ou não. Afinal, como e de que forma nós somos capazes de apreender e apreciar imagens e signos; quer sejam eles de cunho artístico, de propaganda ou vindos do design visual?

Charles Sanders Peirce (1839-1914) é o fundador da PRAGMÁTICA como ciência filosófica, e o mais importante dentre os fundadores da moderna semiótica geral. O termo *Pragmática* é kantiano e significa “a crença ou hipótese sobre a qual nos fundamentamos para decidir meios a empregar numa ação” (DOSSE, 2003, p.227). A partir da Pragmática, Peirce elaborou uma teoria peculiar de verificação dos fenômenos do mundo, que é a Semiótica. A Semiótica e a Fenomenologia que derivou de Husserl foram os principais desenvolvimentos da Pragmática como análise comunicacional (cf. DOSSE, 2003).

A Teoria dos Signos de Peirce, que fundamentou a semiótica, parte de que cognições, ideias e até o Homem são entidades semióticas. Uma ideia também se refere à outra ideia, e a outras, e ainda aos objetos do mundo - bem como os signos - por isso, tudo a que nos referimos ou sobre o qual refletimos, vem de alguma outra referência no passado. A base da proposta de Peirce era de que estudássemos o modo como tomamos consciência do mundo não como intuições estanques, mas, além disto, pela noção de que a constituição de uma ideia passa por um processo que não está isento da participação do imaginário do criador, ou seja, de um fundamento que antecede à intuição. Assim, Peirce elabora uma nova ideia de como a consciência reverbera os fenômenos da realidade. Este processo é compreendido por ele como SEMIOSE, e é assim que Peirce compreende os fenômenos. Para ele a cognição, as ideias, e mesmo o Homem seriam entidades semióticas, e basicamente - ao contrário do que se acredita - ele buscava com a semiótica, não a compreensão de signos, mas os processos das cognições dos signos; das ideias e da visão do Homem, ou seja: os processos mesmos da semiose.

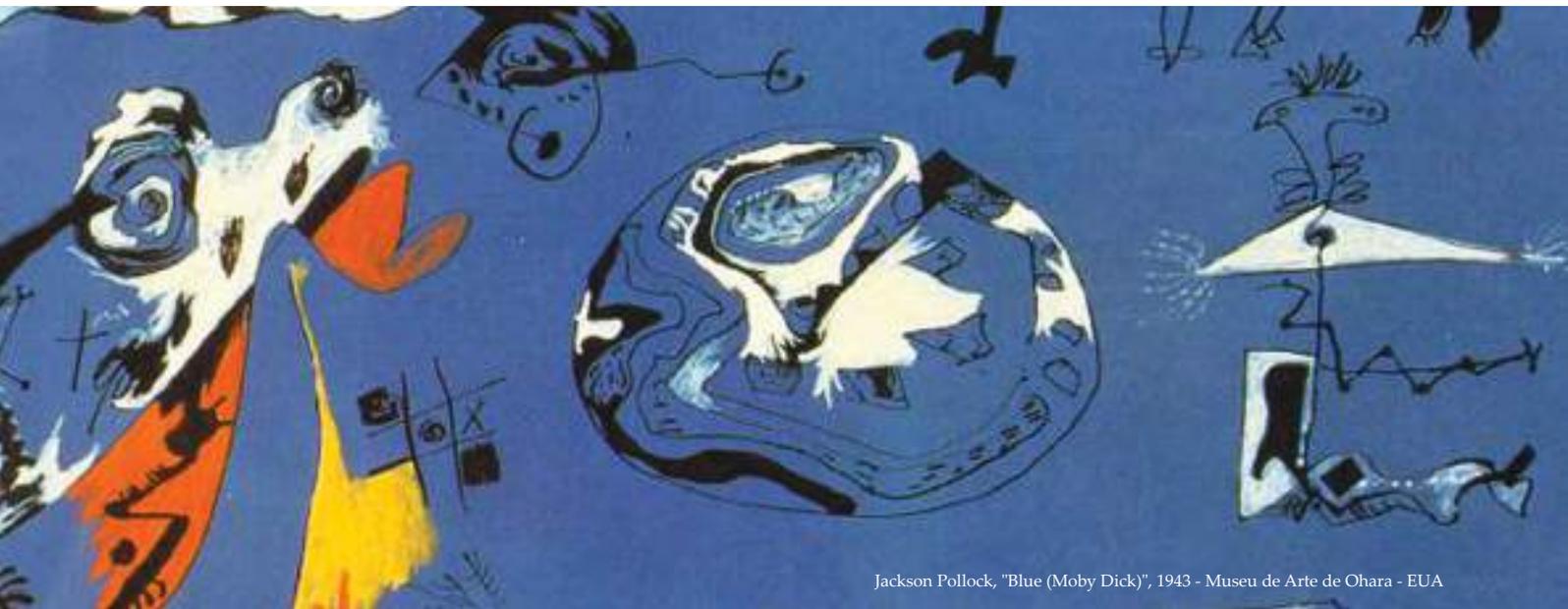
Mais atualmente tivemos novas teorias apresentadas sobre o assunto, como por exemplo, as de John Sear-

le, que no livro **A redescoberta da mente**, de 1992, coloca que o problema com o estudo da mente é geralmente abordar os fenômenos como se eles fossem neutros, e não dependentes nem da consciência e nem da subjetividade. Até então, o que algumas correntes investigativas faziam, era verificar se esse processo teria bases fisiológicas (fiscalistas), funcionais (funcionalistas), comportamentais (behaviorismo), ou se elas realmente existiriam (materialismo eliminativo).

Searle diz que tanto quanto a fotossíntese ou a digestão, a consciência é um fenômeno biológico normal e natural. É uma particularidade fenotípica. Mas “os processos mentais conscientes têm uma característica especial, não encontrada em outros fenômenos naturais, a saber, a subjetividade” (SEARLE, 1997, p.134). A consciência é de primeira pessoa, o estado consciente de mim mesmo e do que ocorre comigo, mais o contato meu com o mundo e com o que há de exterior a mim, bem como os estados conscientes dos outros, é a parte subjetiva do consciente. Isso quer dizer que a imagem que temos do mundo é subjetiva (idem, p.141). O autor concorda com a Teoria da Gestalt e com as experiências perceptivas; por exemplo: nas experiências com figura e fundo, como um centro de atenção é focalizado contra algo que não é o centro da atenção, e este se dilui, ao mudarmos o foco o mesmo acontece com relação ao outro; isso é para ele uma prova de que as nossas percepções normais são estruturadas, e que as formas são organizadas em objetos e características de objetos. “Isso tem como consequência de que todo ato (normal) de ver é **ver como**, todo ato (normal) de perceber é **perceber como**” (SEARLE, 1997, p. 191, grifos nossos).

Uma das mais importantes teorias sobre a leitura de imagens surgida no século XX, a TEORIA DA GESTALT vem de um termo que em alemão quer dizer **Forma** ou **Estrutura**. Os teóricos da Gestalt acreditavam que as formas psicologicamente percebidas sofriam as forças de determinados tipos de padrões ou princípios organizacionais da mente.

A fundamentação teórica da Gestalt se deveu a várias pesquisas de tipo sistemático, e apresentava teorias que foram tidas como bastante sofisticadas na época e que são discutidas até hoje:



Segundo essa teoria, o que ocorre no cérebro não é idêntico ao que ocorre na retina. A excitação cerebral não se dá em pontos isolados, mas por extensão. Não existe na percepção da forma, um processo posterior de associação de várias sensações. A primeira sensação já é de forma, já é global e unificada. (GOMES FILHO, 2002, p.19)

Alguns princípios básicos de organização da percepção foram formulados como uma espécie de “roteiro” para entender os fenômenos perceptivos da forma; eram esses os princípios (geralmente agrupados em pares de opostos) de: segregação e unificação, de estímulos de continuidade ou de contrastes, fatores de fechamento ou de boa continuidade, percepção do espaço e proximidade (relativo ao ritmo que é dado por semelhanças entre as partes); tudo isso ligado a um fator estrutural comum chamado “pregnância da forma”.

“Vemos as coisas como as vemos por causa da organização (forças internas) que se desenvolve a partir do estímulo próximo (forças externas)” (GOMES FILHO, 2002, p.25); ou seja: as imagens percebidas são um misto do estímulo externo (da retina) com o estímulo interno que vem da nossa tendência a organizar e estruturar esses estímulos externos recebidos.

Pierre Francastel vai falar contra a Teoria da Gestalt e a sua ideia de uma apreensão imediatista da forma:

A tomada de contato com a obra de arte ultrapassa sempre o olhar instantâneo. Este, que nos vem desvendar a forma, constitui apenas um alerta para a mente e orienta a primeira investigação, mas, em definitivo, não se trata de forma nenhuma de tentar ajustar o que de imediato se apercebe com o que terá sido a percepção original do artista. (FRANCASTEL, 1987, p. 31)

Ainda segundo Francastel, a apreensão do conteúdo vem do estudo dos signos visuais da experiência comum - relacionados à nossa própria experiência - e que nos ligam a uma determinada sociedade, ou ainda a uma determinada civilização.

Voltando a Searle; este relaciona os fatores estruturais da mente com o um fator comum (tirado de um exemplo de Wittgenstein) que é o aspecto da FAMILIARIDADE; se não há um estranhamento, as coisas me são familiares. “Um relógio murcho ainda é um relógio” (SEARLE, 1997, p.194). Os graus de reconhecimento podem ser diferentes, mas é o “aspecto de familiaridade que torna possível grande parte da organização e ordem das minhas experiências conscientes” (idem, p.195). Os graus de familiaridade e as estruturas é que vão, por sua vez, permitir que as experiências conscientes sejam assimiladas por nós.

Uma nova ciência já havia surgido em paralelo para nos ajudar a elucidar essas questões, e em pouco tempo as chamadas CIÊNCIAS COGNITIVAS já modificaram bastante o horizonte das Ciências Humanas, principalmente com relação à Psicologia e a Linguística. Outros campos ainda são herméticos a uma fusão, mas não há dúvida que pode ser frutífera uma aliança entre o estudo da Semiótica e a Ciência Cognitiva, para se chegar a definições das bases de ações humanas racionais. É uma

ciência que tem por objeto de estudo as manifestações observáveis da mente humana, dentre estas a Linguagem, e é claro, podemos encaixar aí a Arte, a Propaganda e o Design como linguagens; temos então uma volta ao estudo da mente como produtora de signos; “admite-se assim que o nosso universo cognitivo é um universo de signos” (DOSSE, 2003, p.250).

A ciência cognitiva se iniciou por volta dos anos 40, mas foi alavancada principalmente após 1956, depois de um encontro em Cambridge entre Chomsky, Simom, Minsky e John McCarthy, encontro que teve uma abordagem das relações entre a mente humana e a cibernética. Depois disto, nos anos 70, passou a ser menos voltada para as A.I. (Inteligências artificiais) para se dirigir mais como um estudo dos neurônios e da biologia envolvida. Hoje se propõem estudos e abordagens diversificadas sobre o funcionamento da mente dentro da dualidade corpo-espírito; entre eles a neurociência, a psicologia e a investigação do cognitivismo. “Os símbolos, até então encarados tão somente na sua dimensão cultural, são então examinados em sua dupla natureza física e semântica” (DOSSE, 2003, p.240).

Dentro da neurociência verificou-se que os neurônios são como os micro-processadores dos computadores. Com a atividade hormonal temos os neuro-transmissores: a química que movimenta o nosso cérebro e induz os circuitos elétricos dos neurônios, o que dá acesso à memória, por exemplo.

Gerard Edelman construiu uma teoria sobre a memória que fala da seleção feita entre as ligações dos neurônios: Dentre as muitas possíveis, o sujeito que procura se adequar ao mundo prioriza algumas dessas ligações neurais em detrimento de outras (DOSSE, 2003, p.242). Ao contrário do que se pensava antes, o cérebro não seria bem como um computador - tendo já uma programação prévia - mas sim um sistema dinâmico e auto-regulador, que traça as conexões que quer (e essas conexões podem estar ligadas ao contexto, bem como ao inconsciente). Mas como o cérebro tem características autorreguladoras – fato que faz com que cada um deles tenha características próprias – a neurociência teve de se abrir para as ciências humanas, numa tentativa de entender que fatores serviriam de base para o comportamento do Homem.

O estudo dos processos de memória passa pela codificação e armazenamento de dados, a retenção e a reativação desses mesmos dados; estudos que devem muito às necessidades surgidas depois da informática. A memória está deixando de ser vista como algo que funciona ao lado do saber, para ser a essência mesma do saber (DOSSE, 2003, p.247). As questões sobre a memória dentro da neurociência trouxeram de novo à baila a ideia do inconsciente. Marcel Gauchet (apud DOSSE, 2003, p.249) fala na ideia de dois tipos de inconsciente que apareceram no século XIX: o INCONSCIENTE HEREDITÁRIO “que traduz a teoria do evolucionismo humano” e que tem algo a ver com o “inconsciente coletivo” de C. G. Jung; e o INCONSCIENTE NEUROLÓGICO, o de funcionamento automático, e que é relativo às ideias de Freud. “Mas um diálogo mais aprofundado entre a neurociência e a psicologia

ainda está para ser feito; como caminho para estabelecer pontes possíveis entre cérebro e pensamento”.

John Searle retoma as questões do inconsciente neurológico, mas para refutá-lo. Segundo ele, o que deve haver são diferentes estágios e níveis conscientes e não inconscientes. A sua tese principal é sobre a INTENCIONALIDADE, que deveria ser estudada dentro de uma filosofia, e mesmo de uma ciência da mente que não a visse apenas como sistemas de *Imput e Output*. Fenômenos intencionais como significados e interpretações só funcionam dentro de capacidades (também intencionais) de BACKGROUND. O Background depende por sua vez de um sistema de expectativas, ou seja, a **Familiaridade** de Wittgenstein. É uma característica da nossa representação da realidade, e é nosso guia para o entendimento do mundo ao redor, e para a assimilação de experiências, mas que só se manifestaria intencionalmente.

Depois da onda do Estruturalismo e do crescimento da ciência cognitiva, outros que procuraram se aproximar dela foram os pragmáticos. Estes primeiro recusavam uma possível redução da comunicação a aspectos de simples codificação-decodificação, mas hoje já veem uma mudança na situação dos estudos. Fodor propôs a TEORIA DA MODULARIDADE, onde o cérebro humano trataria a informação de um lado por “sistemas periféricos” - tendo ele um decodificador de sinais específico para cada tipo particular de referência - um para a decodificação de músicas, outro para a escrita, etc... - e de outro pelos “sistemas centrais”, que por sua vez, tratariam essas informações e as explorariam na tessitura das redes particulares de cada cérebro, para depois decidir o que fazer com elas. Se compararmos essas teorias às de Peirce, temos aí as categorias de PRIMEIRIDADE, SECUNDIDADE e TERCEIRIDADE, que ele definiu dentro da divisão dos fenômenos que já vimos acima. Para Peirce, os fenômenos que ocorrem à nossa consciência são de:

**Primeiridade:** O sentimento imediato que está presente nas coisas; sem relação com as outras coisas em torno. Os fenômenos fisiológicos pessoais cabem aqui. É um primeiro contato com aspectos externos a nós.

**Secundidade:** Começa quando um fenômeno se liga a outro. Comparação, constatação de um fato, de uma realidade ou de uma experiência física que já se torna mental.

**Terceiridade:** Liga fenômenos já secundários a um terceiro. Mediação, hábito, memória, continuidade, síntese, representação, interpretação, tradução, semiose e signos.

Primeiro a assimilação, depois a construção de relações e redes, e por fim as conclusões ou ações conscientes; as duas teorias se aproximam bastante, e a teoria de Fodor acabou por agradar tanto aos pragmáticos quanto aos adeptos da ciência cognitiva, pois em tese serve a ambos (cf. DOSSE, 2003).

Hoje a filosofia se refere ao fator que provocaria os estados mentais conscientes (ainda introspectivos) com o termo QUALIA. É hoje visto como o centro da questão da consciência dentro do problema da **mente-e-corpo**. O que se questiona principalmente é: “que es-

tados mentais possuem Qualia?”, se “é uma entidade irreduzível não-física?”, se “é de caráter funcional?”, se “seria sempre ligada a conteúdos representacionais?”, e ainda, quais criaturas de Deus “possuem ou não Qualia?” (cf. TYE, 2002). Parece, porém, que são as mesmas questões que Peirce já havia colocado usando o termo PRIMEIRIDADE (os fenômenos primários, que iniciariam o processo de semiose); a diferença é que QUALIA seria um termo científico na busca de uma causa física para os fenômenos; o desencadeador de fenômenos conscientes.

Mas e quando o objeto que provoca o processo é uma imagem que não é natural, mas uma imagem criada e composta? A imagem estética é algo que faz parte do imaginário humano, e não da realidade, “e por isso pode dizer-se que a verdadeira imagem artística não está na obra, mas sim na memória, ou mais exatamente na memória diferenciada de todos esses – criadores, espectadores, proprietários, críticos” (FRANCASTEL, 1987). São esses que vão tratar o objeto artístico (e as imagens criadas, em geral) dentro de parâmetros; parâmetros esses que são os da sua própria civilização.

“A obra é fixa, mas a visão está em movimento”. Francastel diz que é por esse motivo que a Teoria da Gestalt foi ultrapassada (FRANCASTEL, 1987, p.32). As leituras crescem conforme apreendemos mais dos conteúdos e dos detalhes presentes. A visão, não é mais vista como uma atividade fisiológica apenas. Se pintar é uma atividade mental, como dizia da Vinci (coza mentale), ver a obra também é. É um exercício de dedução e de formar combinações; dentre todas as possíveis que existem dentro dos “sistemas ordenados” formulados pelos artistas ou outros produtores de imagens.

“A imagem é tão distinta do objeto como do signo; está situada no imaginário” (FRANCASTEL, 1987, p.114).

## REFERÊNCIAS

DOSSE, François. **O império do sentido**. Bauru: EDUSC, 2003.

FRANCASTEL, Pierre. **Imagem, visão e imaginação**. Lisboa: Edições 70, 1987.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**. São Paulo: Escrituras, 2002.

PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos Coligidos em Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1974.

SEARLE, John R. **A redescoberta da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TYE, Michael. **Qualia**. Stanford Encyclopedia of Philosophy. First published: August 20, 1997.